

Desenho ANÔNIMO

m

c

b



Museu da Casa Brasileira
Organização Social de Cultura
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2705
01451-000 São Paulo SP Tel 11 3032 3727
www.mcb.sp.gov.br

Capa: *fotos dos objetos Desenho Anônimo – Fábio del Re*

Catálogo publicado por ocasião da exposição
Desenho Anônimo - Legado da imigração no sul
do Brasil, no Museu da Casa Brasileira, São Paulo,
de 5 de maio a 8 de julho de 2007

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Apoio:

MASISA



saccaro
a forma da doçura



Realização:

ASSOCIAÇÃO
AMIGOS
MUSEU
DA CASA
BRASILEIRA



DESENHO ANÔNIMO

Legado da imigração no sul do Brasil
Coleção Azevedo Moura

Textos

Adélia Borges

Carlos de Azevedo Moura

Alfredo Aquino



mUSEU
DA **c**ASA
bRASILEIRA

SECRETARIA DE
ESTADO DA CULTURA


GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VÓS



Casa Withölder
Construção em enxaimel
Imigração alemã
Linha Frank - Teutônia RS
1870 / 1880



Casa com roda d'água
Moinho
Construção em madeira e pedra
Imigração italiana
Estrada de Pinto Bandeira
Bento Gonçalves RS
1880

Adélia Borges

Diretora do Museu da Casa Brasileira

*"Pela manhã, têm-se ouro na boca",
metáfora que atribui maior disposição ao
trabalho e sabedoria no período matinal, em
quadro ético, pintado à mão sobre vidro.
Procedência da imigração alemã
(final do século 19)*



Os objetos concebidos pelo povo vivem numa espécie de limbo – na religião católica, aquele lugar para onde foram as almas dos justos mortos antes de Cristo e para onde vão as almas das crianças mortas sem batismo, condenadas a serem eternamente privadas da visão beatífica. É, portanto, o lugar da não visão, do não reconhecimento, da privação até da possibilidade da visão de Deus. Se prejudica, em hipótese, os seus criadores, que não têm devidamente reconhecida a sua realização, essa privação prejudica também e principalmente a nós, os chamados "cultos", que ficamos impossibilitados de conhecer as lições de inventividade e singeleza, a verdadeira sofisticação da simplicidade, advindas dessas criações sem assinatura.

É, por isso, um grande privilégio abrir os salões do Museu da Casa Brasileira para a exposição "Desenho Anônimo – Legado da imigração no sul do Brasil". Apaixonei-me pelos objetos que compõem quatro ou cinco atrás, quando os vi pela primeira vez. As condições de observação, permitam-me dizer, não eram das melhores. Muito numerosos, os objetos se amontoavam uns sobre os outros nos sobradinhos do bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, onde vivem e trabalham seus colecionadores. No entanto, foi como uma epifania: o olhar sensível e certo dos arquitetos Calito e Tina Azevedo Moura descortinava aos meus olhos verdadeiras preciosidades – cavalinhos de brinquedo, utensílios, móveis, portas que contam a saga de seus criadores, estrangeiros que escolheram o Brasil como morada.

A cada nova ida a Porto Alegre, encantava-me com as novas aquisições dos colecionadores, e tinha a impressão de que os objetos estavam se acumulando em tal quantidade que pareciam empurrar os espaços de vida e de trabalho da casa, quase que expulsando seus moradores. E em tal qualidade que era um absurdo que não pudessem ser mostrados a um grande número de pessoas, numa exposição que fizesse jus à sua importância e representatividade.

É o que nos propomos nesta exposição, a primeira em que a coleção Azevedo Moura é apresentada fora do Rio Grande do Sul, e também a primeira vez em que tem autonomia. Em se tratando do Museu da Casa Brasileira, o critério para escolher entre as mais de 3.500 peças da coleção não poderia ser outro senão aqueles que têm a ver com a esfera doméstica. E, como se pode ver nos cerca de 500 objetos selecionados, a casa pode ser, é, um universo.

São objetos nascidos da necessidade. Sua criação não tem a pretensão da imortalidade a que o designer erudito aspira quando crava seu nome num objeto. Nos objetos de autor o ego pode se sobrepor à sua utilidade. Nos anônimos, não há nada que se sobrepõe à sua silenciosa existência. Os objetos "*sem pedigree*" não têm a intenção de se autopromover e anunciar aos quatro ventos sua justeza, sua beleza, sua perfeição.

Feitos pelos imigrantes com um pé nas lembranças e nas técnicas que trouxeram de sua terra natal, e com outro pé nas condições e materiais que encontraram na terrade adoção, imagino que, para seus usuários, eram uma forma de estar aqui sem se desconectarem de seu passado. Ou seja, objetos que, presentes no dia-a-dia, ajudavam a amainar o choque de estar numa nova terra, tão distante da Itália, da Alemanha e de outros países que contribuíram com a colonização do sul do Brasil.

Para nós, no século 21, eles constituem um testemunho de uma parte importante de nossa história. Como lembra o curador Alfredo Aquino, nas exposições comemorativas dos 500 anos da chegada dos portugueses, sete anos atrás, encarafunchamos a contribuição dos conquistadores portugueses e começamos a descortinar nossas raízes indígenas e africanas. No entanto, muito pouco foi mostrado dos imigrantes europeus.

A coleção nos dá, portanto, um espelho no qual nós brasileiros podemos olhar para nos conhecer melhor. Mas ela vai

Oratório
Madeira policromada, com vidro
Procedência: Imigração italiana
Sem data



Alfaite e Modista
Bonecos em madeira esculpida e policromada.
Procedência: Imigração italiana
Garibaldi, região da serra gaúcha RS
Circa 1930



além do passado. O olhar apurado e sensível de Calito e Tina em seus 35 anos de busca obstinada dessestestemunhos pelos rincões perdidos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina traz à tona objetos que são uma valiosa lição para o design no presente. A lição de que a forma dos objetos utilitários deve, sim, atender à função a que são destinados, mas pode também transcendê-la.

A dedicação de Calito e Tina à coleta, organização e conservação dessas peças é uma grande contribuição ao país e merece o nosso reconhecimento.

Gostaria de agradecer imensamente à equipe que preparou a exposição. Alfredo Aquino é uma caixa de surpresas na multiplicidade de suas aptidões e competências como artista plástico, designer, escritor e curador. Ele divide a curadoria com o colecionador, Carlos de Azevedo Moura, arquiteto e professor universitário de Arquitetura e Urbanismo (Universidade de Brasília e Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

O projeto de montagem é das arquitetas e designers gaúchas Ana Luisa Cuervo Lo Pumo, a Lui, e Maria Cristina Cuervo de Azevedo Moura, a Tina, gêmeas que já foram vencedoras em várias edições do Prêmio Design Museu da Casa Brasileira.

Não poderíamos ter uma equipe melhor para nos apontar essas respostas inteligentes e singelas dos imigrantes aos problemas com que se defrontavam, e que, em rara beleza, nos trazem lições tão atuais.

Se alguém disser que a rotina de um colecionador é sempre tranqüila e prazerosa, não conhece de perto os verdadeiros bastidores da atuação onde se move esse ser obstinado e desbravador. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta que, por seus hábitos um tanto quanto insólitos, ele tende fatalmente a se tornar um solitário. Ao mesmo tempo, percorre itinerários que incluem desde briqueiros, feiras de rua, depósitos de demolição, galpões abandonados, ruínas periclitantes e grotas assustadoras, quase inacessíveis.

Por tudo isso, a melhor coisa que colecionadores podem esperar de suas famílias é o silêncio. Muitos amigos nem sequer demonstram qualquer interesse quando o nosso personagem discursa, excitado e comovido, ao mostrar orgulhosamente, sua mais recente aquisição. Inclusive, em alguns casos esses mesmos amigos não conseguem esconder sua preocupação com a sanidade mental do companheiro, ao tropeçar nos objetos aglomerados ao seu redor, ou espalhados por sofás, mesas, cantos e corredores. O problema mais grave é que, uma vez iniciada uma coleção e estando o vírus devidamente inoculado, é quase impossível reverter essa tendência, e talvez as raríssimas ocorrências que podem reduzir esse ímpeto passam pela iminência de uma bancarrota, ou uma ameaça real de abandono por parte do núcleo familiar e, cá entre nós, se um desses fatos ocorrer, eles não serão de todo descabidos.

Minha primeira coleção era dirigida para a busca de lápis de propaganda, coisa das ingenuidades dos anos cinqüenta. Em seguida, e usando ainda calças curtas na época, tornei-me um orquidófilo daqueles que se embrenhavam nos banhados atrás de espécies raras. Na continuidade, iniciei a busca de nuvens de querubins, virgens gordinhas e santos com olhares enigmáticos, às vezes beirando expressões de catatonia. Foi minha fase de arte sacra, mas nem por isso consolidei qualquer tendência de religiosidade; refiro-me às crenças religiosas, porque a outra

Carlos de Azevedo Moura

Curador da mostra Desenho Anônimo

*Fotografia de família
Procedência: Imigração italiana
Final do século 19*



*Fotografia de família
Procedência: Imigração alemã
Início do século 20*



obstinação, o outro credo, o das coleções díspares, este não arrefeceu.

O início de uma coleção no meu caso sempre ocorre acidentalmente, não há intenção pré-concebida, planejada, com data marcada, ou seguidora de alguma moda. No caso de objetos ligados à imigração, e que compõem a temática da presente mostra, talvez tenha havido um impulso subconsciente, um motivador de origem atávica, na medida em que meus antepassados foram imigrantes.

Posteriormente, por inúmeras vezes meus pais levaram-me a passar fins de semana em regiões da colonização alemã, e algumas vezes na região serrana dos italianos. Isso tudo reforçou a motivação para a temática escolhida. A primeira peça desta coleção foi uma marquesa de cabriúva, abandonada num velho galpão, na antiga casa de meu bisavô, na localidade de Lomba Grande, distrito de Novo Hamburgo, um dos pólos iniciais da colonização alemã. Depois de limpo e recuperado, o móvel foi reconhecido como tendo sido elaborado por meu bisavô, um caixeiro viajante e marceneiro nas horas vagas. Com essa peça referencial, o ânimo cresceu.

Após uma trajetória um tanto vacilante em busca de uma definição conceitual para a coleção, passei a compreender melhor o que eu realmente buscava, mas ainda dentro de um universo restrito: móveis, pequenas louças, vidros.

Por outro lado, a qualidade agregada aos objetos foi o que me motivou mais, desde as primeiras buscas, nomeando prioridades, portanto, a sua expressão estético-formal. Coisa de arquiteto, sem dúvida. Sei que, ao primeiro olhar, às vezes é difícil avaliar o potencial do objeto em relação a esse quesito. Que “*beleza*” se esconde por trás de espessas camadas de pó, sujeira ou repinturas grosseiras? No entanto, com o tempo e com muito exercício, esse olhar torna-se arguto, a ponto de, num relance, distinguir num monturo de trastes, um objeto opaco, desfocado e sujo que,

a despeito de seu estado, poderia alcançar a condição de jóia rara ao ver recuperado o “brilho” de outras épocas.

Reside aí outro prazer, na busca delirante dessas formas “adormecidas” e que consiste na sua recuperação, e que nos dá por vezes a sensação de ser não apenas de restauradores, mas de reativadores de “vidas” temporariamente em “estado de hibernação”.

É no final dessa etapa que o objeto – capacitado ou não como utilitário, seja adorno ou mera ferramenta, por uma conjugação de harmonia das linhas, volumetria elegante e a beleza das cores e texturas, atribuídas à matéria-prima e ao tempo – uma vez recuperado, pode alcançar o que eu chamaria de “o estado de arte”. Reconheço que esse é um enfoque extremamente subjetivo e é, nesse processo de transfiguração que, através de uma proximidade planejada, um castiçal antigo, um vidro leitoso e uma velha candeia podem me remeter a uma natureza morta (ou, quem sabe, viva) de Giorgio Morandi. Ou um velho cavalinho de brinquedo, resgatado nas grotas de São Lourenço, após a reanimação, me conduzem à evocação de um Marino Marini.

Arte “acidental” desse tipo pode perfeitamente se aproximar e tangenciar a arte real, reconhecida, de autoria ilustre. Ou será o contrário? De qualquer forma, issome encanta.

Sem nunca abandonar a preocupação com a qualidade estético-formal do objeto, a idéia da coleção incorporou um novo fator de coleta, a busca da diversidade, da variação de um mesmo tema. Exemplificando: plainas, ao conter pequenas variações de utilização, especificações de uso, tipo de madeira empregado em sua elaboração, poderão representar variações sobre o mesmo tema, e reforçar, com isso, a flexibilidade criativa de seus autores.

A idéia é que a abrangência não é prioritária, mas a variação de um só tema, essa sim, se sobrepõe à amplitude. Outro ques-



Casa e serraria na Serra gaúcha

Fotografia

Procedência: Imigração italiana

Início do século 20



Casas em Antônio Prado

Fotografia

Procedência: Imigração italiana

Início do século 20

Fotografia de casamento

Noiva de Preto

Procedência: Imigração alemã

Pomeranos - São Lourenço RS

Circa 1890



to básico – a autoria da peça, como o próprio título da mostra bem sugere, deve ser preferencialmente anônima e, quando muito, conter uma marca que apenas expressa o orgulho do artesão em ter produzido aquela peça exclusiva.

Por outro lado, um novo acréscimo ao acervo foi dado através da aquisição de fotos antigas, cartões postais de época, alguns documentos, quadros e estampas com dizeres religiosos e éticos, ilustrando costumes da época.

É essencial que o conjunto dos objetos, não apenas fale por si, mas que haja uma vinculação desse mesmo acervo com os seus autores e os usuários na época, do contrário, a conotação e o alcance sociológico da exposição resultarão inócuos.

Com essas medidas, a mostra foi progressivamente reforçando seu caráter didático-cultural, já que uma coleção desse tipo não pode continuar adormecida em garagens.

Por uma feliz coincidência de interesses, no sentido único de mostrar o acervo em questão – do âmbito da casa do imigrante – ambientado no Museu da Casa Brasileira, graças à iniciativa singular e destemida da diretora Adélia Borges, o Desenho Anônimo finalmente traz a São Paulo e à luz, os seus objetos, por tanto tempo amontoados e confinados, à espera de seu renascimento.

É importante, no entanto, ressaltar que se trata de uma mostra fundamentalmente visual, sem traçar conclusões ou apontar teses sociológicas, apenas tentando reproduzir o universo cotidiano da casa do imigrante, seja ele alemão, seja ele italiano.

Ao mesmo tempo esperamos que a mostra, por seu caráter plástico-visual, possa despertar a atenção de profissionais e estudantes da área de design, em busca de inspiração para a elaboração de projetos contemporâneos, que possam expressar, através de uma releitura formal, objetos e produtos com as marcas de raízes culturais e autóctones.



Banco com quatro pernas, de madeira - Procedência: Imigração alemã - (pomeranos) São Lourenço RS - Início do século 20



Gamela de madeira - Procedência: Imigração alemã - (pomeranos) São Lourenço RS - Início do século 20

Os imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul (inicialmente nas levas do início do século 19, logo após a Independência do Brasil, por influência direta da Imperatriz Leopoldina; e posteriormente no contexto das políticas de colonização do País do final do século 19, estimuladas pela necessidade de nova mão-de-obra que substituísse a força da escravidão, em vias de se extinguir), portavam a herança de um conhecimento secular, desde as suas terras de origem.

Após a vinda inaugural dos açorianos (de origem portuguesa) que formaram os primeiros núcleos urbanos junto ao litoral gaúcho e sobre as planícies irrigadas mais acessíveis da região, os primeiros imigrantes ao Sul foram os alemães, provenientes das áreas mais urbanas próximas à Áustria, seguidos pela chegada de novos grupos procedentes das regiões rurais do Vale do Reno. Estes imigrantes de origem prussiana, bávara e austríaca ocuparam áreas dos vales dos rios dos Sinos, Caí e as primeiras encostas das regiões serranas gaúchas. Dentro deste cenário logo se incluíram as imigrações italianas, a quem foram destinadas as escarpadas e úmidas regiões da serra, em meados e final do século 20, espaços onde hoje estão situadas as prósperas cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves (o Vale dos Vinhedos), Farroupilha, Garibaldi, Carlos Barbosa, Antônio Prado e o Vale do Rio das Antas.

Eles trouxeram algumas poucas ferramentas e outros tantos objetos de uso doméstico, uma férrea vontade de trabalhar e a ambição de crescer integrando-se ao novo mundo (ambiente que, em certos momentos, mostrou-se-lhes áspero, preconceituoso e até mesmo hostil) onde havia a necessidade de muita coisa e, literalmente tudo a fazer.

Eram imigrantes pobres, de pouquíssimas posses, com carências culturais significativas, crenças religiosas diferenciadas, que falavam e escreviam em idiomas estranhos e chegavam iden-

Alfredo Aquino

Curador da mostra Desenho Anônimo

*Molde de botas em madeira
Madeira maciça, articulada
Procedência: Imigração alemã
Novo Hamburgo RS
Início do século 20*



Cartão Postal
Fotografia
Procedência: Imigração alemã
1917



tificados como mão-de-obra barata. Isso foi motivo de inúmeros e graves conflitos com aqueles que habitavam anteriormente as regiões onde se instalaram, devido aos preconceitos e hábitos arraigados e choque cultural inevitável que atingiu a todos, contribuindo para a formação das peculiaridades sociais da colonização efetivamente realizada por esses imigrantes.

Com o pensamento ordenado pelo bom-senso, dentro da economia em que viviam e o olhar voltado para as necessidades imediatas, para o núcleo familiar e para a sua comunidade, eles desenharam os seus artefatos, os objetos, as ferramentas, os utensílios, os brinquedos para suas crianças e os enfeites e adornos para as suas festas (cerimônias religiosas, casamentos, etc.).

Esse comportamento foi fruto da necessidade, de uma emergência para sobreviver, conseguir trabalhar, construir uma cultura local, integrar-se e constituir núcleos comunitários vivos e atuantes onde fosse possível produzir alguma coisa, gerar proteção e riqueza, estabelecer vínculos e resgatar as tradições de sua memória.

Os objetos desenhados e executados (em madeira, ferro, ligas de metais, cerâmica e porcelana) são os vestígios e os documentos materiais de uma saga onde os protagonistas anônimos modificaram a trajetória de seus destinos e nos legaram a beleza de suas pequenas peças, singelas potencializadoras de esforços coletivos, em que não está ausente a força de suas individualidades criativas.

Esta mostra apresenta um recorte de 600 peças dentre cerca de 3.500 da Coleção Azevedo Moura, entre utensílios, ferramentas, objetos, mobiliário, portas, brinquedos, quadros e adornos; que reconstitui os vestígios e a herança do universo tangível da casa do imigrante e o seu entorno. Podemos acompanhar didaticamente o desenvolvimento de um pensamento pragmático e direto que se junta aqui e ali a sutis manifestações de fantasia, revelada mais con-

stante do que se poderia crer. Ou o que justificaria a existência de uma plaina esculpida em forma de barco, que resulta confortável e firme quando em uso? Ou o que determinaria a presença alusiva de uma pequena pata de cavalo com seu casco (uma imagem escultórica pontual e realista) num instrumento utilizado para a limpeza dos cascos destes animais, trazendo em si próprio a imagem da finalidade de seu uso?

Este desenho, anônimo e de encantos singulares, pode ser representado simbolicamente por uma das peças da coleção - objeto simples e bem curioso: um espremedor de laranjas (ou cítricos), feito de maneira rústica, em madeira. O propósito de sua utilização não pode ser visualmente mais claro. A engenharia é bastante simplificada. No espremedor existe uma manivela, um eixo, uma ponta esculpida para a extração do suco, uma canaleta, uma base com reforço de travessas. No entanto, esse objeto é capaz de nos surpreender por sua forma criativa, captar a nossa admiração e nos fazer esboçar um sorriso ao observá-lo.

Ele é o símbolo potente desse desenho sem assinatura, que une a surpresa de um olhar curioso com a beleza e a aguda pertinência visual de sua utilização.

Esta é a mostra do Desenho Anônimo, legado da imigração no Sul do Brasil, garimpada com flagrantes dificuldades e rigoroso critério estético por colecionadores sistemáticos e eruditos, ao longo de mais de 30 anos de dedicação à coleta, seleção e classificação destas obras.

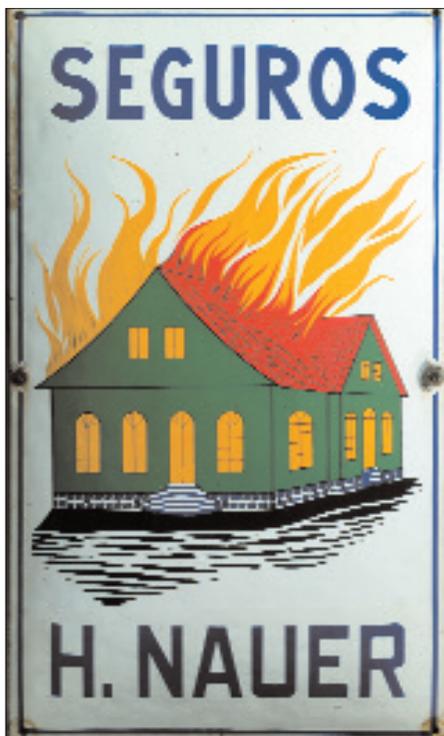
O foco da mostra atual do MCB é a casa do imigrante. Esse é o eixo da orientação curatorial para o recorte e seleção do conjunto das peças apresentadas, objetos que compõem algo desse universo doméstico e ao mesmo tempo de trabalho cotidiano, uma vez que em seu ambiente de inserção predominantemente rural, o viver e o fazer estão indissociáveis. Assim se mostra a cozinha e



Gato-barbante

Artefato em ferro fundido, para estocar e fracionar barbante na confecção de pacotes

*Procedência: Imigração alemã
Início do século 20*



*Placa em metal esmaltado
Procedência: Imigração alemã
Novo Hamburgo RS
Circa 1930*

nela estão as ligações atávicas com o que se produz no seu entorno. Na casa estão pontuadas, aqui e ali, as referências das atividades de sobrevivência: nos instrumentos, utensílios, ferramentas, enfeites, cerâmicas, adornos e brinquedos.

São peças raras, preciosas e fundamentais para se compreender o fenômeno cultural da imigração, que muitas vezes ficaram deliberadamente esquecidas, descartadas, negligenciadas ou relegadas aos sótãos empoeirados, nessas trilhas da memória dos esforços hercúleos de grupos que chegaram humildemente a um país estranho e aqui souberam deixar uma marca de dignidade e grandeza.

São artefatos cheios de imaginação, com características em comum: estão carregados de história, sagrados pela utilização intensiva, produtores de outros objetos ou de alimentos, instrumentos de serviços cotidianos. São as testemunhas silenciosas da história do desenvolvimento e do enraizamento social destes grupamentos humanos que mudaram de continente, de hábitos e renovaram elos de convivência, enriquecendo a formação de um país com seu trabalho, perseverança, disciplina e fervor.



*Cartão postal
Procedência: Imigração alemã
Circa 1920*



Enchó, em ferro e madeira - Procedência: Imigração italiana - Circa 1890



Grande Chaleira de ferro - Procedência: Imigração italiana - Final do século 19



Cavalinho de brinquedo
Madeira maciça
Procedência: Imigração alemã
Circa 1920



Brinquedo de lata - Camponês e porco
Folha de flandres policromada, com mola
Procedência: Imigração alemã
Circa 1920



Travessa pintada à mão - Procedência: Imigração alemã - Circa 1900



Cavalinho de brinquedo - Procedência: Imigração alemã - (pomeranos) São Lourenço RS - 1916



Cantil de vinho (corote)
Procedência: Imigração italiana
Bento Gonçalves
Sem data



*Cadeira-banco
Procedência: Imigração
italiana
Sem data*



Espremedor de cítricos - Procedência: Imigração alemã - Final do século 19



Recipiente para querosene - Procedência: Imigração italiana - Sem data



Batedeira de nata - Procedência: Imigração alemã - Cerca 1900

CARTÕES POSTAIS

Cartão postal
Procedência: Imigração alemã
1928



Cartão postal
Procedência: Imigração alemã
1907



Cartão postal
Procedência: Imigração alemã
1907



A Coleção Azevedo Moura e seus colecionadores

Calito de Azevedo Moura e sua mulher, Tina, são os motores para a formação sistemática dessa surpreendente e bem escolhida coleção de peças da imigração. Ambos são arquitetos, de consistente formação acadêmica e erudita, com olhar seletivo ao bom design e profundamente sensibilizados pela questão da defesa ambiental. A coleção começou a se formar a partir de meados dos anos 60 (a primeira peça foi comprada em 1965) e tomou força e sistematização desde os anos 70. São, portanto, mais de 35 anos de dedicação à pesquisa, escolha, coleta e aquisições para formar o panorama atual do acervo, que conta com cerca de 3.500 peças.

Os objetos foram e são garimpados em viagens constantes aos núcleos das antigas imigrações e no convívio com outros interessados sobre o assunto, a quem Calito chama de “os *perdigueiros*”, que o informam sobre a existência de uma peça interessante oferecida à venda num ou noutro vilarejo perdido em meio aos grotões e florestas. Para lá vai o casal Azevedo Moura, com seu olhar especialista e um profundo conhecimento histórico e sociológico, visando analisar minuciosamente a peça disponível.

“O princípio da escolha é o estético”, afirma Calito, ressaltando que não poderia ser diferente em razão da formação de ambos e de suas preocupações com a harmonia e linguagem alusiva da Coleção Azevedo Moura. “Não buscamos um amontoado de objetos, simplesmente algo que seja repetitivo e estéril; e sim um fio condutor que ajude a nos revelar e explicar a atividade criativa de um grupo de pessoas que internalizou e expressou seus conhecimentos e reconhecimentos em sua luta pela sobrevivência e integração num novo território, elaborando uma nova organização do espaço desde as suas tradições e memórias através

Família de colonos
Três bustos em argila policromada
Procedência: Imigração italiana
Circa 1900



dos objetos, para os quais transmitiram algo de uma poética coletiva, mas ao mesmo tempo singular. E isso fica mais evidenciado quando o objeto resultou belo” .

Portanto, Calito e Tina dizem que a coleção “é ao mesmo tempo abrangente e excludente”. E isso faz sentido à medida que, ao longo desse tempo e à luz do próprio acervo, o olhar deles se especializou. Eles conseguem reconhecer as procedências, o que é autêntico, e efetivamente contributivo para o conjunto.

Na formação lenta e criteriosa da coleção, há o que Calito define como “o *momento sublime*” do encontro com uma peça muito especial, que passa a ser intensamente desejável pelo colecionador e fulcralmente direcionada para o conjunto da coleção.

Ele comenta que passou por alguns momentos assim, em sobressaltos de profunda emoção que o levaram ao um estado de êxtase pelo significado da existência daquela peça específica, recém-descoberta, e à epifania do momento de sua incorporação ao acervo. Os cavalinhos de brinquedo (um deles, com flagrante eleição) e as cômodas coloniais concederam ao colecionador essas alegrias.

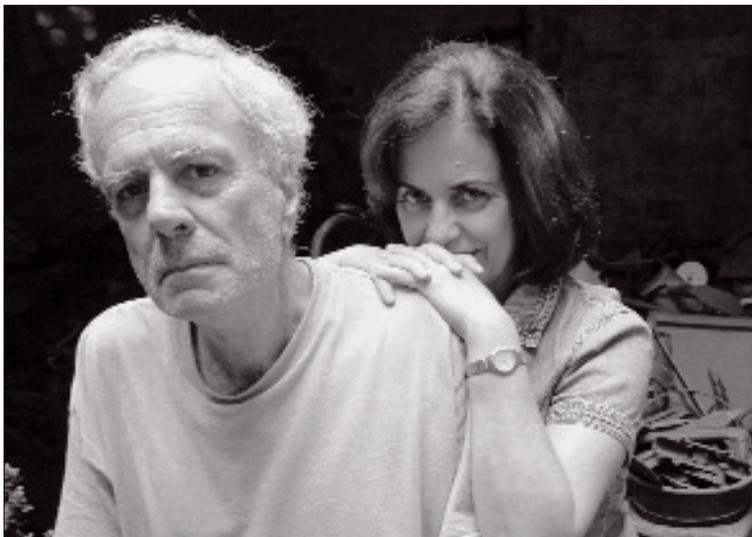
Azevedo Moura ressalta ainda um outro segmento importante para se compreender a coleção: as fotografias antigas, de época (também de autoria imprecisa), que vêm sendo agregadas ao acervo há vários anos, escolhidas e adquiridas pelos colecionadores.

“Essas imagens mostram o retrato do imigrante, humanizam-no, nos aproximam e nos revelam a alma daqueles que desenharam e manufaturaram os objetos da coleção. Mostram a sua natureza, as suas casas e povoados, suas festividades, a sua presença indelével. Eles são os protagonistas sem nomes, mas deles testemunhamos os rostos, vemos os símbolos. Ali estão um pouco dos seus temores, das suas esperanças, da sua inocência” conclui Calito.

A mostra Desenho Anônimo apresentou-se parcial em

pequeno recorte, com cerca de 200 objetos em 2001, em Porto Alegre, e, desde então, a Coleção Azevedo Moura tem fornecido valiosas contribuições culturais, com empréstimos de peças para várias exposições significativas sobre o tema da imigração ou da manufatura artesanal de alto nível, ocorridas em museus brasileiros nos últimos anos.

Essa grande exposição que se apresenta no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, é, na realidade, a estréia nacional da mostra Desenho Anônimo, que acontece também graças à convicção de Adélia Borges, incentivadora e apoiadora incansável da Coleção Azevedo Moura, empenhada persistentemente em sua realização desde o primeiro contato com este acervo de pertinência sociológica, consistência museológica e qualidade estética.



*Os colecionadores:
Tina e Calito Azevedo Moura*

Tábua de cozinha
Procedência: Imigração italiana
Circa 1900



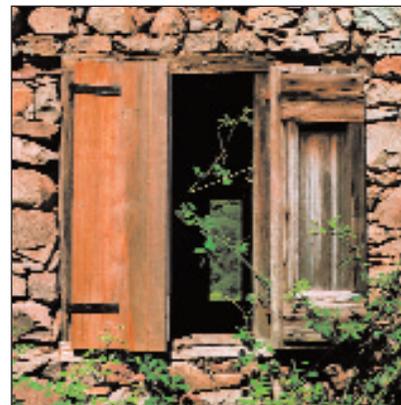
AS CASAS DA IMIGRAÇÃO

As casas da imigração ainda existem no Sul. Em Teutônia, em Westphalia, em Linha Frank, em Bento Gonçalves, em Antônio Prado, na estrada de Pinto Bandeira. Algumas delas foram fotografadas por Mário Castello, em abril de 2007. Elas são um tesouro arquitetônico, histórico e cultural. Necessitam ser preservadas. São o documento vivo da formação do caráter de uma nação.

Algumas estão muito bem conservadas, outras nem tanto e um grande número delas desapareceu silenciosamente, tragadas pelas falaciosas promessas de um progresso incontornável e do conforto material, proferidas pela cupidiz da especulação imobiliária. Isso atingiu a muitas nas cidades e algumas na área rural.

A Coleção Azevedo Moura é um grito de alerta sobre tal situação. Quando a coleção decidiu recolher algumas portas da imigração dos depósitos onde já se encontravam, o fez para devolvê-las ao conhecimento de um imenso público dentro do contexto da obra monumental dos imigrantes no espaço cultural brasileiro. Salvaguardou-as de serem aviltadas, “restauradas” com bizarras camadas de tinta e incrustadas em ambientes contemporâneos, pelas rêmoras da frivolidade e pelos vampiros de uma estética de ocasião, para usufruto e capricho de uns poucos. As casas das colônias precisam ser conservadas vivas e intactas e não podem ficar simplesmente à mercê do mercado, pois sabemos bem o que o mercado faz com elas.

É importante a conscientização de todos e a efetiva valorização cultural desse patrimônio. É necessária a criação de políticas inteligentes de preservação positiva que direcione recursos de benefícios fiscais e alguma isenção de tributos aos proprietários dessas casas (alguns deles bastante pobres) para que possam manter e conservar seus próprios imóveis, que são o patrimônio imaterial de uma coletividade maior e que podem ser vistos por todos, pesquisados e analisados por especialistas e estudantes.



*Casa de pedra (detalhe)
Construção em pedra
Imigração italiana
Estrada de Pinto Bandeira
Bento Gonçalves
1880*



Casa Cinza
Construção em madeira
Imigração italiana
Estrada de Pinto Bandeira
Bento Gonçalves
1880



Casa Haas
Construção em enxaimel
Imigração alemã
Teutônia RS
1876



Casa Grün
Construção em enxaimel
Imigração alemã
Teutônia RS
1880



Casa de pedra
Construção em pedra
Imigração italiana
Estrada de Pinto Bandeira
Bento Gonçalves
1880



Casa e cozinha
Construção em madeira e
em alvenaria
Imigração italiana
Estrada de Pinto Bandeira
Bento Gonçalves
1890



Casa Schneider
Construção em enxaimel
Imigração alemã
Teutônia RS
1875

CURADORES

Alfredo Aquino é artista plástico (pintor e desenhista), escritor e curador de exposições. Realizou várias mostras individuais, a maior parte delas em museus e centros culturais, no Brasil e no exterior.

Possui obras em acervos como o MASP (Museu de Arte de São Paulo) e o MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), além de coleções particulares no Brasil e na França. Editou livros de arte de outros artistas contemporâneos e exerce atividades como curador de exposições de arte contemporânea. Organizou mostras retrospectivas de Siron Franco, Amílcar de Castro, Vasco Prado, Gonzaga, sobre arte de descendentes italianos (Anima Italiana), Desenho Anônimo e mostras de arte brasileira no exterior.

Carlos de Azevedo Moura é arquiteto, professor universitário de Arquitetura e Urbanismo (Universidade de Brasília e Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e colecionador de obras de arte.

Formador e organizador da Coleção Azevedo Moura - Objetos, fototeca, iconografia e memorabilia das imigrações italiana e alemã ao Brasil (séculos 19 e 20), com mais de 3.500 itens tombados em acervo próprio. Conhecedor da iconografia das imigrações ao Sul do Brasil, é curador da mostra Desenho Anônimo, em seus diversos segmentos sistematizados - A casa do imigrante, Utensílios domésticos, Instrumentos de trabalho, Brinquedos e adornos, As festas comunitárias e Documentação fotográfica de época.

A realização da mostra não teria sido possível sem o apoio e a compreensão de um grupo de pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a montagem desse sonho que, enfim, se tornou realidade. A eles os nossos mais sinceros agradecimentos:

Adélia Borges, que sempre acreditou e nunca desistiu da idéia de trazer esse acervo até o Museu da Casa Brasileira; Alfredo Aquino, que estruturou o seu projeto e muito contribuiu como curador; Tina, minha mulher, que nunca perdeu a paciência com o “coleccionador” e as obstruções do espaço na casa e, com obstinação, buscou apoios e participou do projeto físico da mostra; Lui, a sempre presente; José Alberto Nemer, que foi um cúmplice da idéia, com seu empenho e inteligência; Adulce Zaffari, do Bourbon Zaffari; Rafael e Clarissa, da Inovart; Solon Cassal, da Masisa; Ana Paula, da Vallontano; e João Saccaro pelos preciosos estímulos e desprendimento; Fotógrafos Fábio del Re, Carlos Stein e Mário Castello, a quem devemos as imagens dessa mostra; Paula Ramos, autora de lindos textos que vêm exaltando o “anônimo” desde muito tempo; Maria Helena Estrada, que deu espaço à nossa idéia em sua prestigiada revista; Prof. Guenter Weimer, grande conhecedor da cultura da imigração alemã; Luiz Fitarelli, memória viva da cultura da imigração italiana; Rubem Prates, que empresta sua sabedoria musical; Famílias Withölder, Haas e Schneider, que abriram suas casas em Teutônia, para que as pudéssemos documentar; Vera Santiago, embaixadora do “anônimo” em São Paulo; Normélio Brill, amigo que tem sido um interlocutor sensível e inteligente nas conversas sobre o tema; Paulinho Carvalho, Ivo Reis, Arnold e aos irmãos Bastian, garimpeiros eficientes e amigos de sempre; e finalmente, às meninas do escritório, Cris, Denise, Manoela e Karine, incansáveis e solidárias.

© Exposição Desenho Anônimo
Acervo da Coleção Azevedo Moura

Curadoria
Alfredo Aquino
Carlos de Azevedo Moura

Museografia
Tina Cuervo de Azevedo Moura
Lui Cuervo Lo Pumo

Comunicação Visual
AA Design
Samanta Paleari

Produção
LT - Arquitetura e Design
Innovart Stands

Equipe de Produção do Desenho Anônimo
Denise Hemielevsky
Karine Faccin
Maria Cristina Bazelenitz
Maria Manoela Bento Pereira

Assessoria de imprensa
Menezes Comunicação

Fotografias
Fábio del Re - Objetos do Desenho Anônimo
Mário Castello - Casas da Imigração e retrato Colecionadores

Coordenação editorial do catálogo
Alfredo Aquino

Revisão
Caroline Franco

Coordenação Geral da Mostra Desenho Anônimo no MCB
Adélia Borges
Giancarlo Latorraca

MUSEU DA CASA BRASILEIRA

Governador do Estado de São Paulo
José Serra

Secretário de Estado da Cultura
João Sayad

Diretora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Sílvia Antibas

Diretora do Museu da Casa Brasileira
Adélia Borges

Diretora administrativo-financeira do Museu da Casa Brasileira
Miriam Lerner

Conselho de Administração da Organização Social MCB

Ana Helena Curti - presidente

Delia Beru

Helga Miethke

Luiz Fisberg

Marcelo Ferraz

Neide Hahn

Rogério Batagliesi

Wilton Guerra

Comitê de Orientação Cultural MCB

Adriana Maria Crespi

Carlos Lemos

Delia Beru

Gianfranco Vannucchi

José Mindlin

Julio Abe Wakahara

Neide Hahn

Oswaldo Mellone

Ulpiano T. Bezerra de Menezes

Núcleo Técnico

Giancarlo Latorraca - coordenador

Produção

Julieta Campos Pereira - coordenadora

Fernanda Grisolia - assistente

Documentação, Pesquisa e Acervo
 Wilton Guerra - coordenador
 Carolina Mestriner - assistente

Comunicação
 Caroline Franco - assistente
 Menezes Comunicação-assessoria de imprensa

Música
 Carmelita Rodrigues de Moraes

Núcleo Educativo
 Moisés Cuer - coordenador
 Juliana Batista - agendamento
 Ana Maria Cintra - monitora
 André Leal - monitor
 Marco Venâncio - monitor
 Vivian Lazzareschi. - monitora
 Gisele Dias - orientadora de espaço

Núcleo Administrativo-Financeiro
 Sibebe Rodrigues - coordenadora
 Sílvia Jorge - assistente
 Sonia Scatimburgo - assistente
 Myrthes Barbour - recepcionista
 Jessé Ribeiro da Silva - *office-boy*

Captação
 Fábio Prado Saldanha - coordenador

Manutenção predial
 Sergio David Pereira
 Olismar Rogério da Silva



Realização



SECRETARIA DE
 ESTADO DA CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
 TRABALHANDO POR VOCÊ



Apoios

MASISA



saccaro
 a Casa da Doceria



Esta publicação foi realizada no outono de 2007, pela Trindade Indústria Gráfica, com tiragem de 1.000 exemplares. Miolo em papel couchê fosco 170 g e capa em Duo Design 300g com laminação fosca. Foram utilizadas no projeto gráfico as fontes Onix, Palatino e Helvetica Neue para os títulos e textos. São Paulo, maio de 2007